

“Quando **LULLA** vira **LUA**”:
um momento histórico, uma capa da Veja¹

“When **LULLA** turns **LUA**”:
One magazine, one historical moment.

Renata Amaral Teixeira*
Helena Maria Gramiscelli Magalhães**
Maria da Consolação Gomes de Castro**

RESUMO

Neste trabalho, pretende-se demonstrar como se dá a construção da significação no processo de Integração Conceptual. À luz de uma concepção de linguagem como atividade interativa, na qual os interlocutores se instituem como sujeitos num determinado tempo e espaço discursivos, considera-se que as expressões linguísticas, por si só, não portam sentidos, mas servem de guia para a sua produção. O processamento discursivo é compreendido como a instanciação de operações mentais que se indiciam na materialidade do texto, oral ou escrito, o que sempre conduz a se considerar não somente a importância da palavra, mas o contexto de sua produção e demais informações processadas cognitivamente no processamento discursivo. Com base nesses conceitos, procurou-se explicar que tipos de conexões nossas mentes tendem a fazer e que tipos de efeitos são produzidos por diferentes contextos com os quais o ser humano opera.

Palavras-chave: Mente; Sentido; Integração Conceptual.

*Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG.

**Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas.

¹ Este artigo foi desenvolvido no 2º semestre de 2005, no curso da disciplina Sintaxe do Português - Integração de Espaços Mentais e Processamento Discursivo –, ministrada pelo Prof. Dr. Milton do Nascimento, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Considerações iniciais

O objetivo deste trabalho é focar os processos e/ou operações que subentendem a produção de significados pela mente humana, à luz da Teoria da Integração Conceptual². Uma das premissas básicas dessa teoria é a de que as expressões linguísticas, por si só, não portam sentidos, mas servem de guia para a sua produção. Ao assumirmos essa premissa, consideramos, com base em Fauconnier e Turner (2002), que as formas linguísticas desencadeiam os significados e que estes se processam a partir das operações básicas, complexas e, na maioria das vezes, inconscientes, de Identificação, Integração e Imaginação, as quais constituem a única operação mental, denominada Integração Conceptual. Por ser altamente criativa, essa operação é fundamental para o processo de produção de sentidos e crucial para os mais simples tipos de pensamentos.

Acresça-se às considerações anteriores a concepção de linguagem como atividade interativa, na qual os interlocutores instituem-se como enunciadore e enunciatários, em um determinado tempo e espaço discursivos, em função da produção/recepção de textos, no e pelo estabelecimento de uma relação com o mundo e com o outro. Isso nos leva a conceber a linguagem como processo, como discurso³, como enunciação⁴, como processamento discursivo⁵, como atividade de interação social. Em consequência, os termos “texto” e “enunciado”, aqui, são entendidos como o resultado, como o produto da atividade discursiva, um produto que é, necessária e simultaneamente, um dos fatores constituintes do processamento discursivo.

² Essa teoria foi proposta, inicialmente, por Fauconnier (1984, 1994, 1996 e 1997) e teve alguns aspectos reformulados em Fauconnier e Turner (2002).

³ O termo Discurso é empregado, neste estudo, como a própria atividade de linguagem.

⁴ O termo Enunciação é empregado, neste trabalho, na perspectiva benvenistiana, que incide em colocar a língua em funcionamento por meio do ato individual de sua realização e é considerado o ato mesmo de produzir um enunciado, o que evidencia o caráter processual da enunciação.

⁵ A expressão Processamento Discursivo é usada para nos referirmos a “qualquer ação de linguagem que envolva a produção de texto/sentido” (Nascimento e Oliveira, 2004).

Considerações teóricas

Por uma noção de Instância de Enunciação

Com base em Benveniste (1989, 1995), a Instância de Enunciação pode ser considerada um modelo de organização dialógica, o qual especifica o processo de construção das relações entre enunciador/enunciatário, situados em um determinado tempo e espaço discursivos, como fatores constituintes da referência discursiva. Esse modelo, que deve ser considerado sempre que nos referirmos a termos como linguagem, enunciação e discurso, é caracterizado, pelo autor, como sendo o Aparelho Formal da Enunciação, que pode ser assim representado:

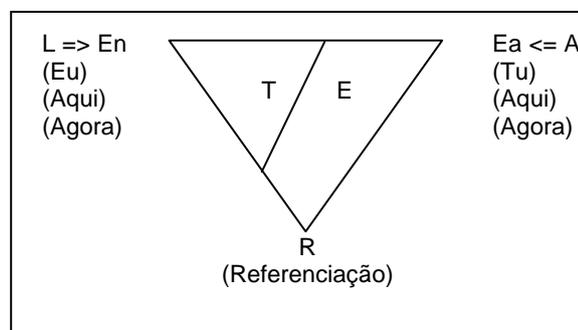


Figura 1: Aparelho Formal da Enunciação

Essa representação nos possibilita visualizar os fatores necessariamente envolvidos na instanciação do Aparelho Formal da Enunciação, na implementação do processamento discursivo: um locutor (L), que se institui como enunciador (En) na e pela atividade linguística; um alocutário (A), co-instituído na e pela atividade linguística como enunciatário (Ea); ambos se instituindo linguístico-cognitivamente num tempo (T) e num espaço (E) discursivos, construindo a referência (R), que se constitui a partir da necessidade de locutor e alocutário falarem sobre um determinado assunto, ou seja, de co-referirem no e pelo discurso.

Na perspectiva benvenistiana, a referência é integrante da enunciação. Ela é desencadeada pela possibilidade e, principalmente, pela necessidade de cada locutor transformar-se em um co-locutor, em um ato, um processo de referenciação, de co-referenciação. Segundo Benveniste:

Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Assim, consideramos que a referência não está contida, ou pronta e acabada, nas formas linguísticas, pois ela é co-construída no/pelo discurso, não sendo, portanto, imanente ao texto. Dessa forma, o significado é construído dialogicamente no transcurso da interação.

Por uma noção de Integração Conceptual

A Teoria da Integração Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002), tem como enfoque central os estudos relativos às formas e aos significados. Nessa teoria, os autores postulam que não existe dicotomia entre forma e significado e, sim, um elo indissolúvel entre eles. Com base nesse postulado, o processamento discursivo é compreendido como a instanciação de operações mentais que se indiciam na materialidade do texto, seja oral ou escrito. Isso nos leva a considerar não somente a importância da palavra, mas o contexto de sua produção e demais informações processadas cognitivamente no processamento discursivo.

Ao assumirmos esse entendimento, torna-se essencial examinar quais tipos de conexões nossas mentes tendem a fazer e quais tipos de efeitos são produzidos por diferentes contextos em/com que operam. A criação e articulação de Espaços Mentais podem ser consideradas uma dessas

conexões, por serem, os Espaços Mentais, definidos como constructos mentais necessariamente construídos no processamento de todo e qualquer discurso, a partir de pistas oferecidas pelas expressões linguísticas materializadas no texto.

Operação Básica de Integração Conceptual

Com ênfase na operação básica de Integração Conceptual, Fauconnier e Turner (2002)⁶ postulam que a mente humana, criando e integrando Espaços Mentais, projeta estruturas de uns espaços para outros, à medida que avançamos na produção e gestão do processamento discursivo. Nessa perspectiva teórica, a obra **The way we think** apresenta-se como um abrangente estudo sobre os processos que subentendem a produção de significados pela mente humana, partindo do princípio de que a construção de sentido ocorre através de operações complexas e quase sempre inconscientes, sendo a Integração Conceptual, reiteramos, a operação básica do processamento cognitivo.

Essa operação mental básica - Integração Conceptual - ocorre essencialmente por meio do processo denominado *Blending*⁷, o qual envolve, no mínimo, a integração de dois espaços, o factual e o seu contrafactual, na produção de significados emergentes. Trata-se, concisamente, de uma e única operação mental, a qual se divide, para fins metodológicos, em três sub-operações:

a) Identificação: que realiza operações de reconhecimento de identidades, igualdades, semelhanças, diferenças, contrastes, etc., entre dois domínios cognitivos indiciados por itens e/ou expressões lexicais ativadas;

⁶ Na obra **The way we think**, Fauconnier e Turner (2002) ratificam alguns pressupostos sobre a Teoria de Espaços Mentais e fazem algumas reformulações, especialmente no que se refere à capacidade da mente humana para fazer Integrações de Duplo Escopo/Espaço.

⁷ Neste trabalho, consideraremos *Blending* como “Mesclagem”, como “Fusão” entre Espaços Mentais/Referenciais.

- b) Integração: que realiza a conexão entre os domínios léxico-gramático-discursivamente ativados;
- c) Imaginação: que, simultânea e concomitantemente com essas duas operações, realiza, através da projeção de dois ou mais domínios cognitivos, a configuração do sentido pretendido pelo locutor em sua interação discursiva com o alocutário (Fauconnier; Turner, 2002).

No âmbito dessa questão, considera-se que a Integração Conceptual é efetuada pela mente humana através da compressão e da descompressão⁸, no espaço *blend*, de estruturas de significado possibilitadas por Relações Vitais⁹. À luz da Teoria da Integração Conceptual, essas relações podem ser concebidas como princípios da mente, os quais lhe possibilitam efetivar as operações de Identificação, Integração e Imaginação. Nessa perspectiva, as Relações Vitais são vistas como relações conceptuais necessárias à integração de Espaços Mentais de natureza distinta, e desempenham papel fundamental na configuração da Rede de Espaços Mentais.

A Contrafactualidade e a configuração das Redes Referenciais

Na perspectiva da Teoria da Integração Conceptual, a Contrafactualidade, mais do que uma Relação Vital, é uma propriedade da mente humana. Propriedade esta que tem um papel central não apenas no modo como pensamos, mas, também, no modo como aprendemos e vivemos, sendo, portanto, essencial para a compreensão da produção de sentido pela mente.

⁸ Há possibilidades múltiplas de compressão e descompressão para a topologia dos Espaços Mentais; tipos de conexão, tipos de projeção, emergência e a riqueza do mundo produzem uma vasta gama de possíveis tipos de redes de integração.

⁹ Segundo Fauconnier e Turner (2002), podemos destacar, entre outras, as Relações Vitais de variação ou mudança; identidade; tempo; espaço; causa-efeito; parte-todo; representação; papel-valor; analogia; contrafactualidade; propriedade; similaridade; categoria; e intencionalidade.

A Contrafactualidade, considerada como um centro nervoso do/no processo de produção de sentido, é fundamental para a indicição de todas as formas de Relações Vitais, como tempo, espaço, identidade, mudanças, entre outras, para a Identificação e Integração de diferentes tipos de Espaços Mentais. Considerada em sua manifestação visível, em seus resultados em termos de ações manifestas, a contrafactualidade, enquanto propriedade da mente, pode ser compreendida como uma forçada incompatibilidade entre Espaços Mentais de natureza distinta. Em suma, a contrafactualidade consiste na habilidade humana de operar mentalmente com mundos, por meio da criação e da Integração de Espaços Mentais, de um mundo imagético, contrafactual, contraparte do mundo da realidade discursiva do falante - Espaço-R. Isso implica assumir que as operações mentais de Identificação, Integração e Imaginação, por intermédio das quais a mente humana constrói sentidos, envolvem necessariamente a contrafactualidade.

Ao realizar essas operações, o ser humano aciona e integra, simultânea e inevitavelmente, espaços mentais diversos, projetando-os sempre num e único espaço imagético em que se configura o sentido. De acordo com a Teoria da Integração Conceptual, ao fazer isso, no processamento discursivo, o falante/ouvinte realiza a operação de Integração Conceptual, constituindo uma Rede Conceptual Integrada, que apresenta, em sua forma menos complexa, quatro espaços referenciais: o Espaço de Entrada 1 ou Espaço Input 1, o Espaço de Entrada 2 ou Espaço Input 2, o Espaço Genérico e o Espaço Integrado - *Blend*. Esse processo de integração de espaços pode ser visualizado na figura abaixo, (FAUCONNIER, TURNER, 2002, p. 46).

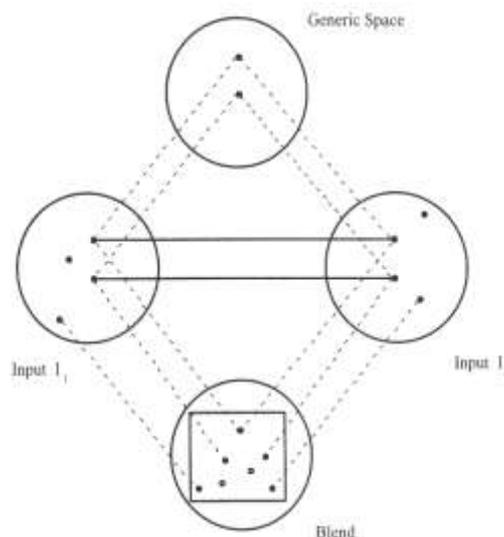


Figura 2: Rede Conceptual Integrada

Articulação teórica

Para enfocarmos os processos e/ou operações subentendidos na produção de significados pela mente humana, no que tange ao *corpus* deste trabalho, será necessária a articulação das duas teorias que embasam este estudo, o que implicará construir o quadro de referência teórica a ser adotado. Assim, pretendemos estabelecer uma interface teórica entre a Teoria da Integração Conceptual e a Teoria da Enunciação, o que será possível, somente, pelo fato de ambas considerarem a linguagem como atividade discursiva. Salientamos que, nesta articulação, nem todos os elementos constitutivos dessas teorias serão considerados como relevantes para a constituição do quadro teórico específico.

Assim, do quadro teórico de Benveniste (1989, 1995) consideraremos, essencialmente, as operações envolvidas na criação e articulação de Instâncias de Enunciação, no que tange às especificações do processo de construção das relações entre enunciador e enunciatário, situados em um determinado tempo e espaço discursivos, como fatores constituintes da referência discursiva. Consideraremos, também, que a Instância de

Enunciação é o espaço primitivo da fala, aquilo que Fauconnier e Turner (2002) denominam espaço-base.

Do quadro teórico de Fauconnier e Turner (2002), levaremos em conta a proposição de que as expressões linguísticas, por si só, não portam sentidos, mas que servem de gatilho para a produção do mesmo. Assumiremos, também, que a mente humana produz sentidos, ou seja, coloca a língua em funcionamento, através da criação e articulação simultânea e dinâmica das Redes Referenciais, por meio da operação básica da mente, a Integração Conceptual, a qual é propiciada pela compressão e descompressão de Relações Vitais. Nesse contexto, estamos levando em conta que o nosso pensamento é contrafactual e que opera, sempre, no mínimo, com dois espaços, o factual e o seu contrafactual.

Nessa perspectiva, ao considerarmos que a mente humana opera com a língua por meio da criação e articulação de Instâncias de Enunciação e da criação e articulação de Espaços Mentais, estamos, na verdade, estabelecendo uma ponte entre essas teorias, e assumindo, com Martins (2000), que toda Instância de Enunciação é um Espaço Referencial, embora nem todo Espaço Referencial seja uma Instância de Enunciação.

Isso posto, passamos à análise do *corpus* selecionado, à luz dos princípios e pressupostos teóricos delineados e assumidos.

Procedimentos metodológicos adotados na análise da Capa da Revista Veja

Leitura do texto integrando o todo verbal, a fim de compreendermos o processo de construção do sentido emergente, a partir:

- a) do poder das cores e de sua utilização na constituição da capa da revista;
- b) da relação entre a imagem, as cores, os grafemas e a foto do Presidente Lula;

- c) da palavra **LULLA**, manchete da capa da revista VEJA, escrita com grafia dos dois LL's coloridos de verde e amarelo, respectivamente, a exemplo do que ocorrera com o nome do Presidente Fernando Collor de Mello, durante sua campanha eleitoral, em 1989;
- d) do texto, situado no pé da página, que acompanha a manchete da capa da Revista Veja.

Embora discutamos esses quatro itens separadamente, o que acontece na mente é uma mesclagem, uma integração em uníssono: a foto, o rosto do Presidente, as formas linguísticas que compõem a rede textual e as cores são processados conjuntamente por meio das operações efetivadas na/pela mente, porque é o todo que traz a significação, não somente as partes. Como a mente nunca opera com as partes, ela faz uma operação global e totalizadora da capa. Vemos o todo na capa da revista, a inteireza do evento e, assim, o interpretamos, metonimicamente.

Análise do corpus – Múltiplas Integrações



Revista Veja, 10 de agosto de 2005. Edição 1917, ano 38, nº 32.

As cores da capa e dos grafemas no item lexical Lulla

Lakoff e Johnson¹⁰ (1987) afirmam que nossa mente e nosso corpo evoluíram para atribuir cores aos objetos no mundo, por meio de quatro fatores, a saber: comprimentos de onda da luz refletida; condições de iluminação; os três tipos de cones¹¹ coloridos em nossas retinas, que absorvem a luz de ondas longas, médias e curtas; e o complexo circuito neural conectado a esses cones. Segundo esses autores, é a associação desses elementos que nos possibilita perceber e interpretar as cores do mundo. Cores não são substâncias ou coisas; não são uma representação interna da realidade externa, mas uma função da interação de nossa habilidade mental para construir o sentido, em meio a condições diferentes de iluminação e superfícies refletoras. Por isso, o uso das cores na capa da revista constitui elemento fundamental para a construção da significação do discurso do autor.

Verde, amarelo, branco, preto, cinza e vermelho acionam, como as formas linguísticas o fazem, nossa mente criadora. O verde e o amarelo, as duas cores da bandeira do país mais utilizadas, são símbolos de brasilidade; o branco, na barba do Presidente e em seus cabelos, exibe o envelhecimento rápido que contrasta com um homem que, ao assumir seu posto, mostrava-se bem jovem e vigoroso; já o vermelho de um acessório comum, a gravata de Lula, fica perdido em meio ao branco da camisa e ao preto do paletó, e pode ser relacionado à cor do Partido do Presidente, o PT; o cinza, no nome da revista VEJA, revela o quão nublado e triste pode parecer o momento em que vivem o país e o povo brasileiro. E o preto, fundo de toda a capa da revista, seria simples jogo imagético estético, ou prenúncio de luto. Observa-se, ainda,

¹⁰ Chapters 4 and 5; summary by Jeanne Milostan, Computer Science & Engineering on Lakoff, 1987.

¹¹ Cones - um dos tipos de foto-receptores, localizados na retina, em número aproximado de 7 milhões. Eles são responsáveis pela sensibilidade dos olhos à cor. Concentram-se numa área central amarela chamada mácula. Pesquisas recentes demonstram que esses cones podem ser divididos em Vermelhos (64%), Verdes (32%) e Azuis (2%), de alta sensibilidade. A visão diurna, ou visão do cone, adapta-se, rapidamente, às mudanças dos níveis da luz, ajustando uma mudança, por exemplo, de se passar de um ambiente ensolarado para um local mais escuro, em segundos. Os cones são responsáveis por toda a alta resolução da visão.

que o branco por sobre o fundo negro nos grafemas L, U e A acaba construindo outra imagem, a da Lua. Assim, o nome **LULLA** vira **LUA**.

As cores e letras no nome de **LULLA** provocam Integrações Conceptuais diversas e nelas são comprimidas e descomprimidas as relações vitais parte-todo, tempo e analogia, projetando na memória coletiva a semelhança entre dois eventos políticos: o de 1989, referente ao ex-presidente Collor, e o de 2005, referente ao presidente Lula. Ambos os eventos, possivelmente, com consequências idênticas: o *impeachment*, o desmoronamento do sonho. A relação vital de tempo, o presente, parece projetar o futuro, enquanto que a relação vital de identidade, uma das operações básicas da mente, funde os dois presidentes em um só, sem que nenhum deles perca sua identidade.

A imagem

A imagem é um constituinte básico e onipresente da vida mental dos seres humanos, um pré-requisito cognitivo da simbolização e do pensamento. A imagem oferece uma abertura na semântica cognitiva da mente criativa. A imagem impulsionou o homem para criar arte, poesia e ficção¹². Em movimento ou estática, a imagem, naturalmente, aciona integrações conceptuais que levam a mente a construir sentidos.

Captada pelo Input¹³, por via de recortes mentais da imagem, de elaborações e operações mentais, de Integrações Conceptuais, a foto revela a real imagem do chefe do executivo: cabisbaixo, com o olhar perdido em algum ponto abaixo da lente da câmara fotográfica. Essa foto nos permite visualizar um homem abatido, alquebrado e envelhecido, frente às denúncias de corrupção, desvio e lavagem de dinheiro público por homens, até então, de confiança de seu governo. Essa imagem, analisada à luz da contrafactualidade,

¹² Com base no texto **Cognitive poetics and imagery**, Artigo, Abril 2005.

está em contraposição à imagem de homem decidido, rosto forte, persistente e atento aos fatos políticos que Lula mostrou nos palanques à época da campanha política.

Todo esse jogo de contrafactualidades e de compressão e descompressão de relações vitais leva a mente, por meio das operações de Identificação, Imaginação e Integração, a efetivar Integrações Conceptuais múltiplas, a fim de elaborar as redes referenciais do texto imagético e a construir um sentido emergente.

A manchete da capa da Revista Veja

Ao lermos a manchete **LULLA**, nossa mente faz, desfaz e refaz Integrações Conceptuais de espaço duplo¹⁴, e essas comprimem e descomprimem as relações vitais espaço-temporais, parte-todo e analogia, assimilando e dissimilando para que se construa a significação da rede textual. A intenção primária do autor parece ser comparar a situação do chefe do governo brasileiro em 2005, com a do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1989. Os assistentes de *marketing*, durante a campanha presidencial de Collor, coloriram as duas letras L de seu nome em verde e amarelo; a intenção era imprimir um alto grau de brasilidade ao seu nome e mostrar que o então candidato se sentia imbuído de tal sentimento. Além disso, focalizando o formato dos grafemas em destaque, podemos fazer alusão direta aos prédios do Congresso Nacional. Extrapolando, outra compressão da relação vital analogia, na Integração Conceptual, seria comparar os dois LLs de **LULLA** com o formato das Torres Gêmeas que desabaram em 11 de setembro de 2001, em Nova York, o que poderia conduzir a nossa mente a construir um possível destino para o governo, naquela época.

¹³ Espaço Referencial de Entrada, conforme Fauconnier e Turner (2002).

¹⁴ Conceito de espaço duplo: Fauconnier e Turner (2002).

As letras dobradas e as cores no nome de **LULLA** projetam os acontecimentos políticos do ano de 1989 aos de 2005. E a relação vital analogia traz à memória coletiva a semelhança entre os dois eventos políticos, ambos, possivelmente, com consequências idênticas: o *impeachment*. A dobra das letras coloridas, obviamente, por si só, não portam o sentido. Elas, naturalmente, são apenas recursos deflagradores das Integrações Conceptuais que a mente faz para construir sentidos emergentes. É o nome **LULLA**, juntamente com as cores verde e amarelo, que projeta a imagem da escrita do nome **COLLOR**, provocando a compressão da relação vital analogia e parte-todo, que nos leva à comparação entre os dois governos, suas causas e efeitos, em determinada época.

Os enunciados do texto da capa da Revista Veja

O sentido do discurso, da rede textual, é sempre construído dialogicamente, no processamento discursivo. Na análise do texto em questão, tomamos como base, também, Eco (1982), sem alterar o sentido de discurso que assumimos anteriormente, ainda que o Diálogo de que trata Eco, em seu trabalho, aconteça na ausência dos interlocutores. Afinal, nosso *corpus* de análise também trata do diálogo à distância. Corroboramos o filósofo italiano quando afirma que o autor e o leitor modelo mantêm um diálogo e que o leitor negocia e constrói o sentido na distância. Em que pese a distância, o caráter de dialogismo permanece, porque o ser humano é dialógico. O repórter/autor da Revista Veja, ao colocar a língua em funcionamento, desencadeia um processo de enunciação, e, ao fazê-lo, institui o outro, no caso os leitores, como enunciatários, como participantes do processo de interação, de interlocução.

Para construirmos sentidos para a capa da Revista, procedemos às Integrações Conceptuais de espaço único e duplo em que se comprimem as relações vitais de analogia, tempo-espaço, parte-todo e identidade. Nossa

mente metafórica e metonímica também re-elabora os enunciados para construir, a partir de algumas formas linguísticas, outras significações para os enunciados do texto.

Vejamos, a seguir, como isso ocorre nos enunciados transcritos da capa da Revista, “Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor.”

O sintagma preposicional “Sem ação” é utilizado para indiciar uma noção de impotência, imobilidade, inércia, inoperância. Essa ideia de estagnação é amparada pela predicação “[...] e paralisou seu governo”, no final do texto escrito.

No trecho, “Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido...,” entendemos que o termo “diante” não é utilizado para indicar lugar-espaco, o aqui e agora físico, como “em frente de” e “na frente de”. Porém, representa um lugar de confronto abstrato, como “em face de” e “face ao”, em virtude de um fato inegável: a explosão da corrupção e o escândalo que comprovam a relação estreita entre discurso e não-ação/sem ação, essa, também, e aparentemente paradoxal, uma forma de ação/agir.

No enunciado “(...) do escândalo que devorou seu partido”, as Integrações Conceptuais são acionadas para construírem, por meio de primorosa escolha lexical, o sentido do trecho. Valendo-se das metáforas, a mente pode relacionar, por meio de operações mentais, o item lexical “escândalo” com o item lexical “dragão”, comprimindo e descomprimindo a ideia de “monstro que engole sem mastigar seu alimento”, entendendo que o alimento desse monstro é o Partido do Presidente, que ao ser devorado, morre. Ocorre ainda, no mesmo trecho, a compressão da relação vital causa-efeito. Podemos entender que “dragão/monstro/escândalo” é causa da morte metafórica do Partido, de acordo com o modelo cognitivo desenvolvido por Lakoff e Kövecz (1982) e segundo Fauconnier e Turner (2002).

No processamento do trecho “... e paralisou seu governo”, novamente, ocorre a Integração Conceptual quando a relação vital de causa e efeito é comprimida pela mente. Esse procedimento evidencia que, agora, o escândalo

é doença que acomete o indivíduo/governo e cujo efeito é a paralisia, paraplegia ou tetraplegia, isto é, a imobilidade, estagnação, uma espécie de morte em vida. Observe-se que, nas duas construções de sentido metafórico, o elemento novo emergente é a morte.

No trecho “Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor”, a expressão “em uma situação” abre um espaço mental indicativo de tempo-espaço, e na Integração Conceptual, na Mesclagem, ocorre a compressão das relações vitais espaço-temporais, identidade e analogia que promovem a construção de significação pela mente. O governo Lula está “em um momento tão crítico, chegou a um ponto tão grave”, ocasionado pelo excessivo volume de corrupção, que explode com as denúncias do deputado federal Roberto Jefferson, tal qual ocorrera no governo Collor, com as denúncias de Pedro Collor, irmão do então presidente.

A história toda “já lembra a agonia da era Collor”. Ocorre, então, outra compressão da relação vital de analogia para que os eventos do período Collor sejam projetados para o referido período de Lula e, conseqüentemente, indicia a comparação entre esse espaço e tempo processados em nossas mentes: os acontecimentos vergonhosos da era Lula que estão parecidos com os da era Collor. A construção com o tempo verbal “lembra” visa a suscitar a ideia de “até mesmo”, “já está semelhante a”. Observe-se que a expressão “já” não porta o sentido de imediaticidade no tempo, mas de até/até mesmo, o suficiente para se igualarem às semelhanças, o bastante para nos fazer ver a semelhança entre os dois momentos políticos vividos pelo país. Tudo isso possibilitado pelas estruturas linguísticas, Integrações Conceptuais efetivadas pela mente humana, por mesclarmos, fundirmos, comprimirmos e descomprimirmos espaços mentais distintos.

Finalmente, no enunciado “(...) já se encontra em uma situação que lembra a agonia da era Collor”, podemos dizer que o termo “agonia”, por inferência, enquadra-se nas duas construções metafóricas nas quais o domínio-alvo “escândalo” remete a dois domínios-fonte “alimento e saúde”. A primeira metáfora, “a agonia do Partido”, explica-se pela voracidade do escândalo/monstro que o devora, causando a morte do PT; a segunda

descortina a agonia de um indivíduo/governo acometido de uma doença/escândalo paralisante, e que projeta para sua imobilidade, morte em vida e, talvez, seu futuro falecimento.

Metonimicamente, Lula é o governo que está doente e paralisado, fato comprovado pela significação que nossa mente constrói a partir da expressão linguística “Sem ação”, que pode, metaforicamente e eventualmente falecer. Ainda, metonimicamente, Lula também é o partido, que está metaforicamente falecendo. Na verdade, as duas ocorrências de significação para o termo “escândalo” nos enunciados – monstro e doença – acabam convergindo para uma forma de fim, ou seja, de sentido emergente, ou por se ser devorado ou por se ser portador de tetraplegia, a paralisia para a morte.

Considerações finais

Ao procedermos à análise do *corpus*, a capa da revista VEJA, de 10 de agosto de 2005, pretendíamos comprovar que a Instância de Enunciação é o espaço base da interação verbal, no qual todos os outros espaços mentais são criados e integrados para a produção do sentido emergente. Tal sentido é criado e produzido pela operação mental básica de Integração Conceptual.

A análise da capa da revista, constituída pela imagem, pelas cores, pelos grafemas coloridos, pela manchete e pelas formas linguísticas vêm demonstrar que a construção dos sentidos, via Integrações Conceptuais, ocorre durante o processamento discursivo e conta com o concurso dos conhecimentos prévios, dos semântico-pragmáticos e dos epistemológicos.

Entendemos, e evidenciamos, que a língua não é apenas um conjunto de gatilhos que implementa as operações mentais. Porém, na análise, fica evidente que há gatilhos verbais que indicam, guiam e orientam um determinado caminho a ser seguido mentalmente. No entanto, o que acontece durante o percurso, depende do que encontramos nele e das operações criativas que nossa mente faz. Assim, a análise evidencia, também, que as

expressões linguísticas e não-linguísticas, por si só, não veiculam o sentido, são deflagradoras dos espaços mentais e, conseqüentemente, do processo cognitivo de significação.

A criação e integração de espaços e o acionamento das Integrações Conceptuais, capacidade única do ser humano, atingem seu ponto alto quando o homem alcança a Integração da Rede de Espaço Duplo. As integrações metafóricas analisadas são tipicamente do tipo espaço-duplo e diferem das Integrações Simples. Envolvem também projeções e construções de significados muito diferentes. Porém, as diferenças na construção imaginária do sentido são uma coisa. Já as formas da língua e os esquemas de mapeamento são outra. As metáforas são construídas com mapeamentos de domínios cruzados. (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Vale lembrar que os mapeamentos metafóricos são correspondências fixas que podem ser ativadas e não processos algorítmicos que levam *inputs* e dão *inputs*. Portanto, não se pode pensar que as sentenças que contêm metáforas convencionais sejam produtos de um processo em que se convertam, em tempo real, leituras literais em metafóricas.

Como se pôde constatar pela análise das construções metafóricas elaboradas a partir dos enunciados do texto, as estruturas da língua que levam aos sentidos literais podem também nos dar sentidos metafóricos que parecem pertencer a tipos radicalmente diferentes de raciocínio. Mas esquemas de mapeamento compõem-se de modo idêntico, não importando se os sentidos sejam literais, poéticos, metafóricos, científicos, analógicos, surrealisticamente sugestivos ou opacos (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Há, ainda, muito que se explorar a respeito dos processos que subentendem a produção de sentidos pela mente humana. Sabemos que a mente constrói os sentidos emergentes por meio de Integrações Múltiplas, incitadas por gatilhos e situações diversas, mas várias questões ainda permanecem sem respostas.

Abstract

This article intends to demonstrate the building of meaning through the process of Conceptual Integrations. Considering language as an interactive activity in which the interlocutors become subjects in a given discursive time and place, it is evidenced that linguistic expressions by themselves convey no meaning but that they contribute to its production. Discursive processing is understood as instantiations of mental operations transplanted to the text materiality, oral or written. This evidences not only the importance of words but also of the context in which meaning is produced and further information is supplied cognitively in the discursive process. Based upon this concept, the article tries to explain the types of connection the mind makes use of and the types of effects that are produced in the different contexts human beings are able to operate in.

Key-words: Mind; Meaning construction; Conceptual integration.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral. V I e II.** Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BRANDT, Line; BRANDT, Per Aage. Cognitive poetics and imagery. In: **European Journal of English Studies.** Disponível em: <http://www.hum.au.dk/semiotics/docs2/pdf/brandt&brandt/cognitive_poetics.pdf> Acesso em: Abr. 2005

ECO, Umberto. **Lector in Fabula, Narratologia.** São Paulo: Editora Fontes, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities.** New York: Basic Books, 2002.

LAKOFF, George; Johnson, MARK. **Metaphors We Live By.** Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; KOVECS, Zóltan. **The Cognitive Model of Anger Inherent in American English.** Berkeley: Institute of Human Learning, 1982.

MARTINS, Ana Lúcia M. R. P. **Dêixis, discursivização e espaços mentais.** 2000. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NASCIMENTO, Milton; OLIVEIRA, Marco Antônio. **Referenciação, texto e hipertexto.** In: Sentido e significação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 285-299.

TEIXEIRA, Renata Amaral. **Mecanismos sintático-discursivos envolvidos no processamento de comparação: do enunciado ao texto.** 2005. Monografia – Centro Universitário de Belo Horizonte.

TEIXEIRA, Renata Amaral. **Contrafactualidade e configuração de estratégias argumentativas em discursos políticos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.